



## AS REVOLUÇÕES NA LEITURA: DO LIVRO DE GUTENBERG AOS TEXTOS DIGITAIS

Alexandre Meneses CHAGAS<sup>1</sup>  
Ronaldo Nunes LINHARES<sup>2</sup>  
Kalyne Andrade RIBEIRO<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo relata fatos sobre o surgimento dos tipos móveis e dos materiais necessários para a impressão, como o papel e a tinta. Além de tratar das reais revoluções de Gutenberg e seu processo de impressão através da tipografia (tipos móveis), da prensa e da revolução do texto digital na vida do leitor. Para identificar o perfil do leitor digital no curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Tiradentes, foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa com questionário aplicado para todos os discentes do curso de Publicidade e Propaganda no período de 18 à 25/07/12, a fim de identificar as características e práticas de leitura digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gutenberg; texto; digital; leitor; comunicação.

### ABSTRACT

This article reports the facts about the appearance of the movable type and materials needed for printing, such as paper and ink. Besides this the real revolution of Gutenberg and his printing process by printing (movable type) and of the press and the revolution of digital text on the reader's life. To identify the characteristics of the digital reader in the course of Social Communication in Advertising, University Tiradentes was performed a quantitative and qualitative questionnaire administered to all students from the publicity and advertising in the period from 18 to 25/07/12 in order to identify characteristics and practical digital readout.

**KEYWORDS:** Gutenberg; text; digital; reader; communication.

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Educação da Universidade Tiradentes-UNIT, GECES – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade, e-mail: profamchagas@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação-USP, GECES – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade, e-mail: nuneslinhares.ronaldo8@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia e Especialista em Tecnologias Educacionais, Grupo de Pesquisa Sociedade e Desenvolvimento Regional (GPSDR) - www.gpsehm.unit.br, e-mail - kalyne.andrade@hotmail.com

## 1 Introdução

Geralmente, ao se falar de tipos móveis para impressão, atribui-se logo a Gutenberg a sua criação. “É a Gutenberg [...] que a história atribui o mérito principal da invenção da imprensa, não só pela ideia dos tipos móveis - "a tipografia", mas também pelo aperfeiçoamento da prensa [...]” (GASPAR, 2009, p. 01). Na parte inicial deste artigo, relato fatos históricos que irão demonstrar o percurso do surgimento dos tipos móveis.

Após o relato destes fatos que levaram ao surgimento dos tipos móveis, trabalhamos a Revolução do livro de Gutenberg e a Revolução do livro digital. Segundo Chartier (1999), ao falarmos destas revoluções sempre temos a tentação de realizar uma comparação e é justamente isto que pretendemos com este artigo. Citar as características do texto e do leitor em cada uma destas revoluções, a fim de identificar as suas diferenças e suas reais revoluções.

As duas revoluções modificaram o modo de produção e o modo de reprodução de textos. Mas, na revolução digital o papel do autor, editor e distribuidor passaram a ser exercida pela mesma pessoa. O que modifica a forma de se produzir um texto.

Chartier (1999) coloca que os mais jovens, ao terem contato com o que ele chama de ‘leituras selvagens’, aquelas que têm uma fraca legitimidade cultural. Para tentar solucionar o problema, seria como direcionar e apoiar estes leitores para terem acesso a outras leituras com mais legitimidade cultural, para que eles consigam navegar nesta imensidão de textos.

Já que “[...] a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p. 13) e tendo por base esta característica de que temos novas maneiras de escrever e ler, iremos abordar a problemática que orienta o estudo realizado na Universidade Tiradentes nos dias 18 à 25 de julho de 2012, com os discentes do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda: qual o perfil deste leitor/discente diante dos textos impressos e digitais? Para tentar responder estas questões, foi aplicado um questionário com dezenove questões, sendo dezessete quantitativas (fechadas) e duas qualitativas (aberta), que foi respondido de forma espontânea.

## 2 Os chineses e suas contribuições para a impressão

Ao verificar a história da imprensa e do livro oriental, pode-se perceber que o fato de existir grandes saltos de experiência, a mesma sofreu por conta dos processos de sua criação e utilização por causa de uma considerável lentidão.

Dentre as criações, que em alguns casos são creditadas aos europeus, foi na China que realmente elas foram concebidas, como podemos observar em Amaral (2002).

Para que se possa imprimir, era necessário que o papel fosse desenvolvido e em 105 o eunuco Cai Lun inventa o papel chinês, que para completar o processo de impressão precisaria de algo que registrasse no papel, foi quando Wei Tan (179-253) criou a tinta para que fosse registrado no papel e durasse mais tempo.

Aqui se percebe que a diferença de tempo na criação do papel para o da tinta, já pode ter sido um destes fatores de lentidão do desenvolvimento destas técnicas de impressão.

Segundo Amaral (2002, p. 86), “a ideia da impressão com matrizes em relevo e com tinta pode ter surgido da junção de duas técnicas já antes bem conhecidas dos chineses: a do sinete e a do calco”.

O Sinete é utilizado desde a dinastia Qin (221-206 a.C.) na China e o século V no Japão, nos documentos legais e ordens de pagamentos. Esta técnica utiliza um carimbo com gravação invertida onde deveria ser passada uma tinta e depois pressionado sobre o papel. Esta gravação invertida, após aprimoramento, torna-se um dos elementos fundamentais para a impressão de Gutenberg.

Já os calços, que já eram utilizados nas dinastias Tang (618-907) e Song (960-1279), era a utilização de um papel molhado (para dar transparência ao mesmo) sob os contornos do original, logo após se seguiam os contornos com a tinta, a fim de se copiar o original. Esta técnica ganhou alguns adeptos pela sua fidelidade ao original, dentre eles os *litterati*, além de contribuir com o aperfeiçoamento da relação tinta/papel. Seria o que temos hoje com a técnica do decalque.

As primeiras impressões com placas de madeira, pelas suas pequenas dimensões, foram feitas seguramente como os selos, calcando à mão a prancha tintada sobre o papel. Uma forma de impressão idêntica à que ainda hoje se usa no Oriente para a estampagem em tecidos. (AMARAL, 2002, p. 86)

Vamos abrir um espaço para os japoneses que, em 764, imprimiram, em caracteres chineses, cerca de 1 milhão de exemplares dos encantamentos (os Hyakumanto Dharani) sob a ordem da Imperatriz Shotoku (718-770), que demonstrava uma capacidade de atender uma demanda desta natureza. (BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL, 2011)

Segundo Levy (2010), em “The Britannica guide to inventions that changes the modern world”, durante o período de 1041-1048 foram inventados por Pi Sheng os caracteres móveis, uma mistura de argila e cola endurecido por cozimento. Em 1313, temos a invenção do primeiro tipo de impressão móvel de madeira no mundo, idealizado por Wang Zhen, da dinastia Yuan (1271 - 1368), que tivera nas dinastias anteriores Song (960 - 1279 dC) e Bi Sheng (990 – 1051) os tipos em barro, que eram frágeis e se perdiam facilmente, realizando poucas impressões. Mais tarde fora aprimorado e utilizado por Gutenberg, apesar de não existirem relatos do contato de Gutenberg com os caracteres móveis de Wang Zhen. Ainda se atribui a Wang Zhen a construção de 60.000 caracteres móveis de madeira para publicar um tratado sobre a história da tecnologia.

E com a evolução dos tipos móveis de madeira e da tinta, em (1580-1661) Min Qiji é responsável pelas primeiras impressões a cores, em que utilizava várias pranchas de madeira. Com esta técnica temos a maior enciclopédia impressa do mundo, em caracteres móveis, a “Grande enciclopédia imperial ilustrada dos tempos passados e presentes”, impressa entre 1726 e 1728, com mais de 5 mil fascículos e cerca de 800 mil páginas. A responsabilidade da obra é de Jiang Tingxi (1669-1732), já o revisor oficial e verdadeiro organizador foi Chen Menglei (1650-1741).

Só que estas técnicas de impressão não foram de certa forma muito utilizadas na China, pois os altos custos para a produção dos tipos e das impressões que geralmente eram financiadas pelas dinastias inviabilizavam a sua utilização pela população em geral.

Já a Coreia, que adotou a tipografia, mas dentro da mesma característica de se financiada pelos governantes:

Precisamente em 1377, saía das oficinas do mosteiro Heungdeoksa (Hûng-dôk) o tratado do monge BACK-ÛN impresso em caracteres móveis. Depois disso, a tipografia conheceu um novo e importante impulso sob o patronato de Taejong (Htai Tjong): em 1403, este rei ordenou a fundição de um primeiro conjunto de 100.000 tipos em bronze, a que se seguiram oito novos conjuntos de fontes, até 1516. (AMARAL, 2002, p. 90)

Pode-se perceber que mesmo antes da Europa descobrir a tipografia, os chineses e coreanos já tinham aperfeiçoado a técnica que fora abandonada por causa de seus altos custos.

Segundo Amaral (2002), a utilização dos caracteres móveis veio a ser abandonada por três razões técnicas: 1- o grande número de caracteres necessários só se justificava com enormes tiragens ou com o patrocínio imperial; 2- a maior possibilidade de ocorrerem erros (gralhas) no texto e 3- a standardização dos tipos, a monotonia da página composta, eram contrárias ao gosto caligráfico, personalizado, dos literatos, consumidores de livros.

### **3 A revolução do livro de Gutenberg e a revolução do texto digital**

A história geralmente atribui a Gutenberg a criação dos tipos móveis e muitas das vezes esquecem-se dos verdadeiros precursores da tipografia, os chineses, como foi exposto através dos relatos dos fatos anteriormente. Pode-se perceber que Gutenberg por ter o conhecimento do ofício de ourives, desempenhado por seu pai, além de ter sido um joalheiro que dominava a técnica de molde e fundição de ouro e prata. Assim conseguiu trabalhar os tipos móveis em chumbo fundido, que eram considerados verdadeiras obras de artes, sendo ele o primeiro a utilizar com sucesso esta técnica, que tornava a utilização dos tipos móveis com um melhor custo/benefício. Pois os tipos móveis de chumbo tinham um valor mais baixo que os de bronze e prata e durava mais tempo do que os de madeira que tinham um custo baixo inicialmente, mas na necessidade de muitas reproduções tinham que serem refeitos o que demandava mais tempo e eleva o seu custo final.

Só que apenas mudar o material para produzir os tipos móveis não é suficiente para dar o título de criador desta técnica de impressão. Gutenberg tinha uma boa percepção para adaptar ferramentas e técnicas para poder aplicar a arte de imprimir.

Outra implementação feita por ele foi a utilização de prensas de madeiras, conhecidas como prensa parafuso, utilizadas nas parreiras da região onde morava para realizar a impressão com os tipos móveis. Sendo mais uma vez uma adaptação de ferramentas que já existiam, não criando e sim adaptando. Para Magalhães (1981), Gutenberg é muito mais um sistematizador do que inventor da imprensa.

Mas para poder utilizar os seus tipos móveis de chumbo fundido, era preciso aperfeiçoar a tinta para a impressão, pois as tintas que eram utilizadas nos tipos móveis de madeira não se fixavam nas de chumbo.

Com todas estas técnicas apuradas e sendo postas em práticas, elas ganham a Europa e novos admiradores, os burgueses investidores.

Como afirma Bragança (2002), foi através da tipografia e dos financiamentos dos bancos que no século XV foi possível a troca do controle dos saberes dos processos de se fazer livros para as mãos dos burgueses, que tinham uma grande necessidade de obter lucros com esta prática, além de sua vontade de educar e transformar um público anônimo e disperso. O que possibilitou a difusão do livro por toda a Europa, tornando possível para as pessoas que anteriormente não tinham a possibilidade de ter um livro pelo seu custo, agora de poder comprar e ler. Esta sim seria a revolução de Gutenberg, de possibilitar a reprodução em uma escala maior, barateando os custos do livro e tornando-os acessíveis.

Esta mudança possibilitou a troca do papel do editor, que saíra das mãos dos monges copistas para as mãos dos burgueses ávidos por lucros. Assim, as edições destes livros ficaram comprometidas, pois diante da necessidade de se ter livros para imprimir, escolhiam sem muitos critérios as obras que seriam impressas, muitas das vezes sem qualidade. Conforme Bragança (2002, p. 06), “Lutero [...] admoestava os editores que lançavam reimpressões apressadas mal cuidadas para obter lucros imediatos”.

Não que no processo dos monges copistas também não existissem edições comprometidas pelas interpretações pessoais de cada copista.

Já o leitor fora impactado de outras formas após esta revolução de Gutenberg. O primeiro impacto é a possibilidade de ter uma quantidade maior de obras a sua disponibilidade, segundo McLuhan (1972, p. 180), “o maior público era, de muito, o dos romances medievais de cavalaria, dos almanaques (calendários para pastores) e, sobretudo, dos livros de horas ilustrados”, mesmo apesar de Chartier (1999, p. 07) afirmar que “[...] um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – a do códex”, ou seja, a forma de ler ainda continuava a mesma, embora se acreditasse que existira uma modificação na forma de ler com a revolução de Gutenberg. (CHARTIER, 1999)

No século XVIII, encontramos imagens que retratam o leitor da época, sendo um leitor que “[...] lê andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida, os leitores anteriores [...] liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis” (CHARTIER, 1999, p. 78-79). Pelo menos nas gravuras tínhamos nestes locais como sendo os escolhidos para leitura e não apenas sentados em um local restrito como uma sala.

Como afirma Chartier (1999, p. 07), “[...] a primeira tentação é comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg.” E quais foram as diferenças entre estas duas revoluções?

Iremos trabalhar o conceito de texto digital como sendo todo texto disponibilizado no formato digital através da internet, sendo no formato: PDF, E-book e HTML (independente da versão), existem outros formatos, mas iremos tomar por base estes por serem os mais utilizados pelos alunos do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Tiradentes, que são a amostra pesquisada neste trabalho.

Para definirmos as diferenças precisamos antes descrever estes formatos de textos e como o leitor lida com ele, pois Chartier (1999, p. 13) coloca que “[...] a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.” Nesta revolução temos uma modificação significativa em alguns casos em relação à forma de ler e da escrita.

No livro de Gutenberg, a leitura em sua maioria era linear, salvo nas obras do século XVI e XVII conhecidas como marginalia, que, segundo Chartier (2002), seria as anotações que são feitas nas áreas em branco dos livros, como: os índices pessoais, citações de textos, remissões a outras partes e textos feitos pelos leitores. Mas poderia ser considerado como um hipertexto da era digital?

Como conceito de hipertexto, iremos utilizar Lévy (2010, p. 33),

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

Neste contexto de hipertexto que geralmente utiliza o HTML, independente da versão, os textos apresentados têm a características de possibilitar ao leitor novas imersões através dos nós que podem levar a outros hipertextos. Quando disponibilizamos apenas o texto sem que o mesmo tenha pelo menos um nó, não podemos colocá-lo nesta categoria de hipertexto, mas apenas de um texto que foi disponibilizado no meio digital.

A revolução de Gutenberg ao potencializar a escrita, influenciou a forma linear de lermos o mundo, já a revolução digital através da internet e dos hipertextos, criaram a forma não linear de lermos este mundo.

Este seria um dos principais pontos de divergências entre estas duas revoluções, no modo como o leitor tem contato com o texto.

Quando houve a necessidade dos leitores se desligarem do modelo de leitura dos códex em rolo, causou um grande impacto dentre estes leitores por estarem de frente com um objeto novo que “[...] lhes permitia novos pensamentos, mas quem ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita ou de leitura inéditas.” (CHARTIER, 1999, p. 93)

Bem assim ocorreu no contato do leitor com o hipertexto, o mesmo teve que aprender a ler através dos nós, e principalmente não se perder nas redes de nós dos hipertextos.

Só que os livros em hipertextos no formato HTML não têm a mesma formatação dos livros como já possuem os PDF e E-book, que se assemelham ao livro impresso.

No formato PDF, que é uma forma de visualizar textos disponibilizados na internet, pode-se ter diversas formatações, inclusive no formato tradicional do livro impresso. Neste formato podem existir os links e caracterizá-lo como hipertexto ou não. Caso não possua os links o mesmo tem a mesma característica do livro impresso para o leitor, modificando apenas o instrumento para ter acesso ao texto. A sua leitura continua sendo linear, ou seja, o fato dele estar no formato digital não o torna necessariamente não linear, pois ele não te levará para outros textos de forma imediata. O que poderá acontecer é o leitor utilizar o computador para sair do texto e ter acesso a outros textos referentes ao que está lendo, tornando assim a sua prática de leitura não linear. Mas percebe-se que é a mudança cultural do leitor que tornou a leitura não linear e não necessariamente o texto sem links.

O mesmo poderá acontecer com o conhecido E-book. Os E-books são os livros digitais, que em sua maioria assume a mesma diagramação de livros impressos, como forma de assemelhar a eles e conquistar leitores. Estes E-books geralmente não possuem links em seus textos, desta forma não podendo ser caracterizado como hipertexto, salvo aqueles que possuem este recurso de Links.

Mesmo os textos digitais que não tem a característica do hipertexto, este poderá nos levar a uma leitura não linear. Dependendo da cultura do leitor o mesmo poderá ter



uma leitura não linear, na medida em que se depara com um determinado conceito e vai realizar uma busca para saber mais sobre este conceito. Perceba que não foi o editor que preparou o texto para que você lê-se de forma não linear, mas a sua nova prática de leitura.

Outra diferença é nos papéis do autor, editor e distribuidor: “Um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata.” (CHARTIER, 1999, p. 16)

O poder de ser autor, editor e distribuidor passou para as mãos de todos, que antes estava apenas nas mãos de poucos.

Hoje se pode escrever um livro (autor), depois utilizar um programa específico para diagramar e realizar as edições (Editor) e depois disponibilizar na rede de forma paga ou gratuita (distribuidor). Esta mudança tem gerado um grande número de textos digitais, sem questionar a qualidade dos mesmos, pois como vimos mesmo nos textos impressos também encontramos materiais sem muito rigor editorial.

Chartier (1999, p. 99) alerta para esta imensidão de textos que “Para dominá-la, são necessários instrumentos capazes de triar, classificar, hierarquizar. Mas, irônico paradoxo, essas ferramentas são elas próprias novos livros que se juntam a todos os outros.” Estas plataformas (instrumentos) são fundamentais para uma categorização e busca.

Outra característica dos textos digital que difere do impresso de Gutenberg é a possibilidade de todos sermos críticos dos textos digitais na medida em que somos autores e leitores. “O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízo sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros.” (CHARTIER, 1999, p. 1134)

Outro fator que percebemos é a perda da oralidade da leitura com os textos digitais, mesmo que elas sejam realizadas em espaços públicos, mantém a característica de ser uma leitura privada.

E temos na universalidade do texto, outra diferença propagada por alguns autores. Ao que se pensava ser possível com a Revolução de Gutenberg, sendo possível através do texto digital. (CHARTIER, 1999)

Realmente podemos acreditar nesta universalidade do texto através do meio digital?

Para tentar responder este questionamento, apresentamos a Pesquisa TIC Domicílios 2011, pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil, realizada pelo CGI.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil; NIC.br – Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR e CETIC.br – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Com uma amostra de 25.000 domicílios/entrevistas e uma abordagem probabilística por Amostragem Inversa. (CETIC. BR, 2012, p. 5)

Apenas 45% dos domicílios têm computador e destes 38% com internet. (CETIC. BR, 2012, p. 11). Ou seja, apenas cerca de 17% dos domicílios tem acesso a internet no Brasil, o que demonstra uma fragilidade quando se prega a universalidade do texto digital através do ciberespaço.

Sobre o local onde eles mais acessam a internet: no domicílio, 59%; Centro Públicos de acesso pago (Lan Houses), 14%; no trabalho, 12%; na casa de outra pessoa, 8%. Este cenário foi revertido a partir da pesquisa de 2008, quando os acessos em Centro Públicos de acesso pago (Lan Houses) eram de 36% e em casa de 35%. E nos dois últimos anos a diferença aumentou em 19 pontos percentuais, demonstrando que o acesso em casa está tendo um crescimento consistente. (CETIC. BR, 2012, p. 23)

Um dos motivos identificado para os domicílios que tem computador e não possui acesso a internet é o custo elevado (não tem como pagar pelo acesso) para 48% deste público e 25% afirmaram pela falta de disponibilidade na área do seu domicílio e apenas 18% por ter acesso em outro lugar. (CETIC. BR, 2012, p. 38)

Diante deste cenário, como se caracteriza o leitor e sua prática de leitura? Quem é este leitor da era digital?

Santaella (2011) define três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo, tendo por base as habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas, que fazem parte do momento da leitura. Que surgem de forma sequencial, mas sem que o novo anule o anterior, podendo coexistir.

O contemplativo é o leitor individual que ler silenciosamente em locais mais reservados, geralmente encontra-se sentado ao ler. Tem a prática da leitura em locais específicos para tal, sendo diferentes dos locais para o lazer. É um leitor que pensa o livro, podendo ler, reler, analisar, pesquisar quantas vezes achar necessário, por serem objetos imóveis. Sendo o leitor o responsável por procurar e determinar o tempo que desprenderá para tal atividade de leitura.

O leitor movente é o leitor que surgiu com os jornais e centros urbanos movimentados, tendo que se adaptar a sua atenção aos novos ritmos que a sociedade impõe. Sendo caracterizado por Santaella (2011, p. 29) como “Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade”.

Sendo o leitor movente o intermediário entre o contemplativo, leitor de livros e o imersivo que veremos a seguir. Ele preparou o leitor em sua sensibilidade perceptiva para navegar no ciberespaço.

E o leitor imersivo, segundo Santaella (2011, p. 33),

Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto, virando as páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissenquencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo etc.

### **O Livro na percepção dos discentes de comunicação**

A fim de identificar os questionamentos que ficaram em aberto em relação como os discentes do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Tiradentes utilizam os textos digitais, foi aplicado um questionário com dezenove questões, sendo dezessete questões quantitativas (fechadas) e duas qualitativas (aberta).

O curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Tiradentes em 10/06/2012 possuía segundo dados do sistema acadêmico: turma noturna: 182 alunos matriculados e turma vespertina: 154 alunos matriculados. Totalizando 336 estudantes matriculados no curso, que representa o universo desta pesquisa. A escolha do objeto, discentes do curso de Publicidade e Propaganda, se deu por conta de fazer parte do universo pesquisado no mestrado em educação.

A pesquisa foi aplicada entre os dias 18 a 25 de julho de 2012. A amostra utilizada foi de 58 alunos que responderão espontaneamente o questionário aplicado através da internet. Foram desconsiderados quinze questionários por não ter respondido mais de 60% das questões, ficando 43 pesquisados. Foi empregado o formulário de pesquisa do



“surveymethods.com” por ser um recurso integrado a web que facilita a coleta e a análise de dados.

A amostra está caracterizada da seguinte forma: 60,47% do sexo feminino e 39,53% do sexo masculino, sendo 30,23% do 6º período; 25,58% do 4º período; 23,26% do 8º período; 6,98% do 3º e 5º períodos; 4,65% do 2º período e 2,33% do 7º período. A maioria com 51,16% tem entre 19 a 21 anos e 20,93% entre 22 a 24 anos.

Ao questionar “Em que formato você prefere ler um livro?” a maioria 86,05% prefere o formato impresso e 13,95% o digital. Com esta resposta podemos observar que o formato impresso ainda representa o mais utilizado pelos discentes, podendo ser por não possuir muitos livros didáticos digitais relacionados a área do curso.

Os que responderam que preferem o livro no formato impresso relataram o porquê da preferência.

Por que me cansa ter que ler pela tela do computador. Também por que eu gosto de sentir o papel, acho que fica mais intimista você ler um livro impresso. Você também não tem tantas distrações ao ler um livro impresso, como acontece no livro em formato digital, onde temos jogos e internet, por exemplo, em um computador. (ALUNO 06)

Pessoalmente, me concentro melhor lendo um livro impresso. Acho mais agradável e proveitoso lê-lo folheando. O único obstáculo, no meu caso, é a acessibilidade, afinal, atualmente livros estão a cada dia mais caros. (ALUNO 09)

Todas as minhas opiniões são relacionadas à questão sensitiva: tato, com a sensação de tocar no livro; olfato, pelo cheiro do livro nas mãos; e visão, pela vista doer mais ao visualizar no formato digital. (ALUNO 34)

Já os que preferem o formato digital relatam que:

O formato digital é interessante pela comodidade, pelo armazenamento, pode-se guardar milhares de livros em um único eletrônico e lê em qualquer lugar. (ALUNO 02)

É mais prático. Com o dia corrido se leva tanta coisa na bolsa que quanto menos peso, melhor. E não perdemos o conteúdo do livro, pois podemos ler no trabalho em um pc, ou no celular.... (ALUNO 04)

Pela facilidade de obter o livro que quero. O fato de baixar pela internet sai muito mais barato do que comprar o livro impresso. (ALUNO 26)

Percebe-se que a questão da mobilidade e preço são os principais pontos abordados pelos que tem uma preferência pelo formato digital, enquanto os que preferem o

livro impresso colocam que a facilidade de leitura, que não cansa tanto a vista como o digital e questões emocionais foram as principais justificativas da escolha.

Ao serem questionados sobre: “O que uma leitura digital significa para você?” a maioria com 83,72% (Fonte de conhecimento e atualização profissional); 58,14% (Fonte de conhecimento para a escola/faculdade); 44,19% (Fonte de conhecimento para a vida) e 27,91% (Uma atividade interessante), com o mesmo percentual (Produz cansaço/ Exige muito esforço). Esta questão permitia marcar até três opções. Com estas respostas podemos identificar que os alunos têm na leitura uma fonte de conhecimento, seja para a vida, profissionalmente ou academicamente, mas preocupa o percentual de 27,91% que afirma ser uma atividade que produz cansaço ou exige muito esforço.

Para tentar quantificar quantas partes (capítulos ou trechos) de livros digitais o pesquisado leu nos últimos três meses, foi realizada uma questão especificam na qual 41,86% afirmam ter lido de 2 a 5 partes; 27,91% de 6 a 10 partes; 16,28% mais de 15 partes e com 6,98% de 11 a 15 e com o mesmo percentual apenas 1 parte. O que o caracteriza como um leitor movente, segundo os conceitos de Santaella (2011) pela característica de preferir fragmentos a textos completos, tendo algumas características do leitor imersivo. Tendo em vista que 60,47% afirmou ter lido apenas 1 livro completo nos últimos 3 meses e 37,21% de 2 a 5 livros completos. Caracterizando a preferência pelos fragmentos (partes) de livros ou de textos digitais.

Os pesquisados afirmam que leem mais textos digitais no computador, com 74,42% enquanto em tablet e e-reader apenas 9,3%, tendo em vista que estes equipamentos foram desenvolvidos com uma grande apelo para leitura de livros digitais.

Ao questionar sobre a experiência que teve com o livro digital, o aluno respondeu: 67,44% gostou um pouco; 23,26% gostou muito e 9,3% não gostou da experiência de ler um livro digital.

Dentre os entrevistados 51,16% afirmaram estarem lendo menos do que há três meses. Para tentar identificar as causas de estar lendo menos, questionamos em relação a: Dificuldade e Acesso. Entre as dificuldades em relação à leitura 72,73% afirmam que “Não tem concentração para ler”; em relação ao acesso 68,18% dizem por ser caro. Porém acreditamos que o fato da falta de concentração seja mais preocupante do que em relação ao preço do livro, pois o livro digital tem um preço bem mais baixo do que seu formato impresso, mas como observamos nos relatos os alunos colocam que o formato digital dispersa muito mais que o impresso.

## Considerações Finais

Este artigo tentou levantar as questões pertinentes às reais revoluções de Gutenberg e seu processo de impressão através da tipografia (tipos móveis) e da prensa e da revolução do texto digital na vida do leitor. Na revolução de Gutenberg, podemos perceber que ele foi mais um sistematizador do processo de impressão tipográfica do que criador do mesmo, pois utilizou de técnicas existentes para melhorar o processo produtivo. O principal fator desta revolução foi na oferta do livro, por conta do custo mais baixo do que os modelos feitos pelos copistas, possibilitando que pessoas que até antes desta revolução não tinham contato com um livro poder ter acesso a eles. Em relação à forma de leitura, não houve ruptura, pois se utilizava o mesmo códice.

Na revolução do texto digital, este sim trabalhou com bases em novos signos e forma de ler, por conta da sua característica de hipertextos, possibilitado pelo ciberespaço. Tendo em uma de suas bandeiras a possibilidade real de universalidade do texto.

O ano de 2011 fechou com 2,1 bilhões de pessoas conectadas no mundo, o que representa apenas 30% da população mundial (PINGDOM, 2012). Com este dado podemos perceber que iremos demandar muito tempo para a universalidade do texto digital.

Na pesquisa realizada para este artigo ficou evidente que os alunos ainda preferem o formato impresso ao formato digital, tendo a principal razão a questão da concentração ao ler, onde afirmam que no formato digital, por ter acesso a internet e outros recursos tecnológicos facilitam a dispersão ao ler, em relação ao livro impresso. Outro ponto foi a questão em relação à visão que tende a cansar mais no livro digital.

O que preocupa é o percentual de 27,91% dos que afirmam ser a leitura uma atividade que produz cansaço ou exige muito esforço, o que pressupõem a falta da prática de leitura por parte destes pesquisados, levando a uma atividade forçada e não prazerosa.

Mas percebe-se que se o livro digital conseguir prender mais a atenção do leitor durante o processo de leitura e os dispositivos de leitura cansar menos a visão, o livro digital estará resolvendo parte dos problemas atribuídos a ele enquanto formato, pois já tem o preço bem mais atrativo do que o impresso, que foi um fator apontado como sendo um dos motivos de se estar lendo menos.

E “mesmo que as interfaces mudem, o leitor imersivo continuará existindo, pois navegar significa movimentar-se física e mentalmente em uma miríade de signos, em

ambientes informacionais e simulados.” (SANTAELLA, 2011, p. 184)

## Referências

AMARAL, A. E. Maia do. **1000 Anos antes de Gutenberg**. Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação Cadernos BAD, número 002. Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Lisboa, Portugal, 2000. p. 84-95. Disponível em: <[http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/385/38505108/38505108\\_5.html](http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/385/38505108/38505108_5.html)>. Acessado em: 01/05/2012

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. **Um Milhão de Pequenos Pagodas de Madeira e Orações Dharani**. Disponível em: <<http://www.wdl.org/pt/item/2927/>>. Acessado em: 00 de maio de 2012.

BRAGANÇA, Aníbal. **Porque foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Salvador/BA, 1 a 5 setembro, 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP4braganca.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP4braganca.pdf)>. Acessado em: 04/06/2012

CETIC.BR. **Pesquisa TIC Domicílios 2011**. 2012. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total-brasil/apresentacao-tic-domicilios-2011.pdf>>. Acessado em: 06 de julho de 2012.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**; tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo : UNESP/IMESP, 1999.

GASPAR, Pedro João Soares. **O Milénio de Gutenberg: do desenvolvimento da Imprensa à popularização da Ciência**. Instituto Politécnico de Leiria, Universidade de Aveiro, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.8/112>>. Acessado em: 00 de maio de 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**; tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

LEVY, Michael I. **The Britannica guide to inventions that changes the modern world** / edited by Robert Curley. 2010. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=YtN-Ek2qjIMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=YtN-Ek2qjIMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)> ou <<http://www.adptcm.com/PrntHst/h1.htm>> Acessado em: 30 de maio de 2012.

McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. Trad. de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1972.

MAGALHÃES, Aloisio. et al. **Editoração hoje**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

PINGDOM. **Internet 2011 in numbers**. 2012. Disponível em:  
<<http://royal.pingdom.com/2012/01/17/internet-2011-in-numbers/>>. Acessado em:  
04/06/2012.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011.